



ÍNDICE

Editorial

515. *Oswaldo Augusto Sant'Anna* — Epidemias no (do) Brasil

Simpósios

Epidemias no Brasil

517. *Oswaldo Augusto Sant'Anna e Solange Massa* — Mecanismos imunológicos de resistência a infecções e a regulação genética da produção de anticorpos

522. *Luiz Augusto Marcondes Fonseca, Zulma Fernandes Peixinho, Luís Fernando M. Brígido, Celso Granato, Dewton Vasconcelos e Gil Benard* — Síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids)

551. *Antoniana Ursine Krettli, Cor J. F. Fontes, Ana Maria Stolf, Judith Kloetzel, Theresa Liberman Kipnis, Marcos Boulos* — Malária humana

575. *Maria Cristina de Cunto Brandileone, Vera Simonsen Dias Vieira e Gutemberg Melo Rocha* — Febre purpúrica brasileira, hoje: aspectos clínicos, laboratoriais e epidemiológicos

Artigos de revisão

585. *Maria Amélia Matos* — Controle experimental e controle estatístico: a filosofia do caso único na pesquisa comportamental

Ensaio

593. *Celso Abbade Mourão* — A Lamarck o que é de Lamarck

Ponto de vista

599. *Selma Siqueira Carvalho e Dirceu Ricci Carvalho* — Repensando a prática de produção do conhecimento sobre e no nível I do sistema educacional

603. *Romeu Cardoso Guimarães* — Ética acadêmica

Livros e revistas

606. *Lutas pela escola* (R. C. Campos — *A luta dos trabalhadores pela escola*)

607. *Drogas em discussão* (J. Masur e E. Carlini — *Drogas, subsídios para uma discussão*)

608. *A restauração da Villa Gomes* (R. Sanfilippo (org.) — *Villa Gomes: Appunti*)

611. *Perspectivas do ensino do 2º grau*

história dessa problemática social, econômica e política do século vinte. □

José Sebastião Witter
Departamento de História, USP

A restauração da Villa Gomes

Villa Gomes: Appunti. Roberto Sanfilippo (org.). Associazione Lecchese per la Cultura Musicale, Lecco, 1988, 58 p.

O viajante que chega à Itália por via marítima logo vê se aproximar, depois de ultrapassados os portos de Nice (França) e do principado de Mônaco, o milenar porto de Gênova. Ali desembarcado, tomando um avião que rume sempre para o norte, passará obrigatoriamente por Milão, a capital da Lombardia — também capital, há duzentos anos, de todo o mundo operístico.

Um pouco mais ao norte dessa cidade, logo divisará, aos pés dos Alpes, um grande lago com a inconfundível forma de uma forquilha cujos braços apontam para o sul e cuja haste aponta para o norte.

Chegamos ao famoso lago de Como, cantado em prosa e verso por todo um exército de poetas, romancistas, pintores e compositores do século XIX. Bifurcando-se ao sul, o lago de Como aponta, na direção oeste, para a cidade de Como, e, na direção leste, para a cidade de Lecco.

A radiosa cidadezinha de Lecco, situada na margem esquerda do rio Adda (que, descendo daquele lago, irá desaguar no rio Pó), era, há 120 anos, pouco mais do que um pitoresco burgo medieval procurado tanto por turistas estrangeiros como pela gente lombarda cansada do clima insalubre da úmida e fria Milão. Nessa época, uma das principais distrações dos visitantes daquele lugar de veraneio era procurar localizar em seus arredores os

principais pontos da ação do famoso romance *Os noivos*, de Alessandro Manzoni (1785-1873) — chegando mesmo a identificar, num dos casarões da região, o “palacete de Dom Rodrigo” — isto é, a morada do vilão que tenta sistematicamente impedir a união do casal que dá nome ao romance.

Nas proximidades de Lecco, bem aos pés do majestoso monte Resegone, encontramos o bairro denominado Maggiánico di Lecco. Ali, favorecida pela extensão ferroviária que na década de 1870 já fornecia ligação direta com Lecco, Milão e Bérgamo, veio se estabelecer, em torno da estaçãozinha, uma efervescente colônia de artistas cujas atividades exigiam sua permanência nas adjacências da capital lombarda. Entre esses artistas distinguiram-se aqueles músicos vinculados à febril movimentação do Teatro alla Scala, do Real Conservatório de Música de Milão e das casas editoriais milanesas (as duas principais capitaneadas, na época, pelos arqui-rivais Giulio Ricordi e Francesco Lucca).

Assim, no rastro do conhecido libretista Antonio Ghislanzoni (1824-1893), nascido e criado naquela bucólica região, lá passaram a residir diversos compositores. Alguns — como o operista Amilcare Ponchielli (1834-1886) — chegaram

mais cedo; conta-se que, vindo passar em Maggiánico sua lua-de-mel com a célebre soprano Teresina Brambilla (1845-1921), quis permanecer definitivamente naquele lugar; professor do Conservatório de Milão, Ponchielli viria a receber em seu retiro campestre, ao longo da década de 1880, as costumeiras visitas de alunos como Giacomo Puccini e Pietro Mascagni. Outros chegaram mais tarde: é o caso do nosso conhecido Antônio Carlos Gomes, o “Tônico de Campinas” (1836-1896), unanimemente reconhecido como o maior compositor romântico das Américas.

Engajados no movimento ultraromântico denominado *Scapigliatura Lombarda*, esses operistas puderam dedicar-se, ali, à produção de obras-primas como *La Gioconda*, *Il figliuol prodigo* e *Marion Dolorme*, de Ponchielli; como *Lo schiavo*, de Carlos Gomes; como *Carmosina*, de João Gomes de Araújo (esse paulista de Pindamonhangaba era aluno dileto de Cesare Dominicetti, outro professor milanês estabelecido em Maggiánico).

Conta-nos a filha de Carlos Gomes, Ítala Gomes Vaz de Carvalho, na biografia de seu pai (*A vida de Carlos Gomes*, Editora A Noite, Rio de Janeiro, 1935, Cap. XIV, p. 153-162) que, ao viajar para o Bra-

sil — onde permaneceria praticamente todo o ano de 1880 — Gomes encarregou o amigo Giuseppe Invernizzi, apelidado “Dávide”, de supervisionar a construção de sua nova residência em Maggiánico di Lecco, um sobrado projetado por Attilio Bolla; mas, ao retornar, encontraria em seu lugar um verdadeiro palacete neoclássico, de acabamento luxuosíssimo (incluindo baixo-relevos em cerâmica nas fachadas, pisos de mosaico veneziano, forros guarnecidos por finas pinturas), cuja edificação seria completada em 1881.

Já separado de sua esposa, a pianista Adelina Péri, ali Gomes residirá até 1887, completando um período de sete anos de permanência em que se dedicará a cobrir as paredes da mansão dos mais variados adereços indígenas e a povoar o imenso parque circundante (do qual ainda hoje restam quase quatro hectares de área) de plantas e de aves exóticas trazidas do Brasil. Segundo Ítala Gomes, as despesas exigidas para a conclusão da obra e a onerosa manutenção da propriedade (que ele denominara *Vila Brasília*, mas que seus vizinhos teimavam em chamar *Villa Gomes*) acabaria contribuindo para a fragorosa falência econômica do compositor. Em 1887, já viúvo, endividado e com sua estimada vila hipotecada, tomará a decisão de vendê-la para voltar a viver em pequenos apartamentos situados no centro da cidade de Milão, em companhia de uma governanta e dos dois únicos filhos que haviam lhe restado, Carlos André (1873-1898) e Ítala (1878-1948). Sua retirada de Maggiánico vinha coincidir, aliás, com o esvaziamento da intelectualidade local, iniciado em 1886 com o falecimento de Ponchielli e completado pelo desaparecimento de Ghislanzoni, poucos anos depois.

Adquirida de Gomes pela família Gropelli, em fins de 1887, a vila passou posteriormente para as mãos dos Modenhauer, que — impossibilitados de prover adequadamente sua dificultosa conservação — acabaram vendendo-a, em 1970, para a prefeitura municipal de Lecco.

Foi dessa maneira que, logo no início da década de 1980, já se elaborava um ambicioso projeto de recuperação não apenas da velha mansão de Gomes, como também da grande área verde que a contém. Esse projeto, viabilizado em 1982 pela decretação do “caráter monumental” de todo aquele complexo paisagístico pela Superintendência do Patrimônio Ambiental e Arquitetônico de Milão, acabou sendo concretizado no cuidadoso processo de restauração planejado pelo *Studio Terragni* de Como, completado em 1987.

Assim, cem anos após sua desocupação por Gomes, a propriedade era entregue à *Associazione Lecchese per la Cultura Musicale*, mantenedora da *Scuola Civica di Musica di Lecco*. E ali se instalava, em dezembro de 1987, numa destinação mais do que apropriada, aquela escola de música (fundada em 1984), que é atualmente dirigida por Sergio Marzorati, contando com mais de cem alunos matriculados em seus diversos cursos.

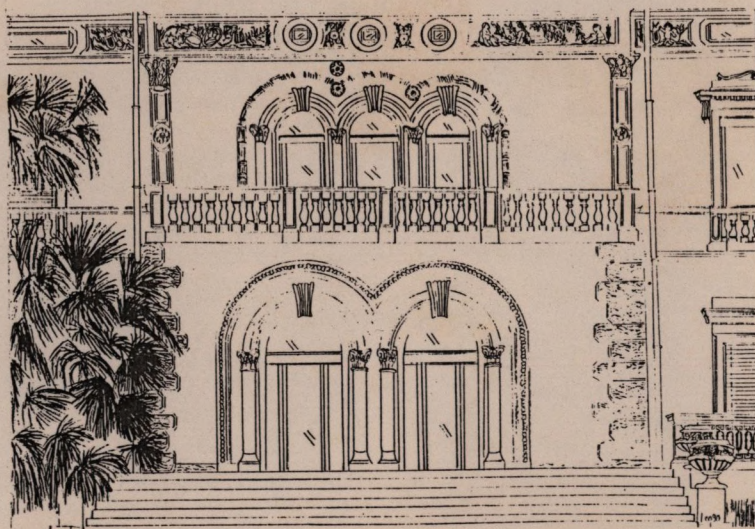
É a fascinante história dessa restauração que nos é contada, em detalhes, por Gianfranco Colombo, Gaspare Nello Vetro, Giorgio Cortella e Mariano Bianchi (em volume organizado e prefaciado pelo presidente da referida *Associazione*, Roberto Sanfilippo), num belíssimo álbum de 58 páginas, contendo 16 ilustrações fotográficas em cores, cuja edição foi co-patrocinada pelo Consulado Geral do Brasil em Milão e pelo Centro Cultural Ítalo-Brasileiro, da mesma cidade. Impresso pelas *Grafiche Cola* (de Lecco), o livro apresenta texto bilíngue, italiano-português, com uma pouco feliz tradução portuguesa providenciada por Daisy Benvenuti Piazzi a partir dos originais italianos.

Ressalta nesse álbum, além do apuro gráfico e documental, o carinho manifestado pelos articulistas em tudo que se refere a Carlos Gomes e ao Brasil. Observa-se, assim, que naquele local que já lhe serviu de lar, o infeliz compositor campineiro tem sua memória cultuada não sob a fria forma de estátua ou de monumento-túmulo,

mas como vívida lembrança do músico, condignamente representado por sua história e por sua produção artística. O entusiasmo despertado pelos resultados dessa emocionante restauração vem estimulando, aliás, a implementação de um antigo projeto de integração da *Villa Gomes* à contígua *Villa Ponchielli*, cuja aquisição permitirá transformar essa extensa área da cidade em verdadeiro pólo de atração artístico-cultural.

Mas, ao travar conhecimento com esse esplêndido volume, não pudemos deixar de evocar uma pessoa cujo nome, por excessiva modestia, sequer é nele mencionado: o de dona Maria Euterpe G. Nogueira, ex-diretora do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro de Milão, não apenas figura-chave no processo de elaboração dessa monografia, mas também eficiente mediadora do intercâmbio da simpática gente de Lecco com os brasileiros. A dona Euterpe devemos ainda a publicação da correspondência italiana de Carlos Gomes, em 1977 (lançada no Brasil, em tradução, cinco anos depois) — obra de peso, cuja divulgação veio assinalar um verdadeiro marco editorial no gênero, permitindo-nos proceder hoje a uma profunda revisão da inconsistente historiografia gomesiana da primeira metade de nosso século. Como também devemos àquela senhora todo o apoio logístico necessário à organização e à montagem da exposição “Antônio Carlos Gomes: do Brasil a Milão”, realizada em 1986 (na Itália e no Brasil), por ocasião do sesquicentenário do nascimento do compositor — exposição cujo catálogo, por si só, já constitui texto de consulta obrigatória para qualquer pessoa que deseje se dedicar a pesquisas na área de estudos gomesianos ou no âmbito da produção operística do romantismo tardio. É, portanto, com justificado pesar, que recebemos a notícia, em fins de 1989, de que o Centro Cultural dirigido pela sra. Nogueira acabava de ser desativado.

A obra em epígrafe encontra-se à disposição dos interessados, para consulta, no Centro de Memó-



Fachada meridional da Villa Gomes (Desenho: Leonora De Luca).

ria da Unicamp. Apresentamos nossos agradecimentos ao jornalista Benedito Barbosa Pupo pela gentileza de ceder-nos, para exame mais detido, o exemplar que lhe foi pessoalmente apresentado por dona Maria Euterpe. □

João Bosco Assis De Luca
Sociedade Brasileira de
Musicologia

Um povo desconhecido?

Os ciganos. Nicole Martinez (tradução de Josette Gian, do original *Les Tsiganes*). Papirus, São Paulo, 1989, 124 p.

Quem são os ciganos? Muitas lendas vêm sendo contadas. Ladões, nômades, vestidos sempre de trapos coloridos, serão seqüestradores? Quais as características dessa população?

No seu livro, Nicole Martinez tem como objetivo estabelecer algumas definições sobre essas pessoas.

No primeiro capítulo — “As máscaras do tempo: ensaio histórico” — a autora faz uma abordagem histórica dos caminhos percorridos pelos ciganos. No segundo capítulo (Os etnônimos: “Cem nomes diferentes, um só povo?”) a autora busca esclarecer as nacionalidades e raças que constituem as tribos nômades. Conhecidos como ciganos, tsiganos, zigan, rom — dependendo da região em que se instalam — têm uma grande variedade de cultura e linguagem mas possuem uma série de comportamentos similares que permite caracterizá-los como um conjunto.

A seguir a autora apresenta a definição jurídica e as avaliações estatísticas de diferentes países, o espaço e habitat de grupos nômades e daqueles já sedentarizados. Discute a (não) integração social e a identidade sociológica. Conclui que a assimilação e a integração dessa população vêm ocorrendo

lentamente. Hoje em dia quase todos os ciganos têm residência fixa, ou pelo menos declarada. A fixação não tem um caráter definitivo de estabilidade. Eles ocupam um espaço não socializado, no caos da desorganização. Ocupam terrenos baldios, pântanos, cemitérios de automóveis, acampamentos e favelas. No entanto a amplitude do deslocamento é freqüentemente confundida com as migrações, além de muitos turistas começarem a adquirir características nômades. As atividades, como fonte de renda, mudam muito no decorrer da vida. Normalmente aceitam trabalhos por “empreitada”, todos os serviços que os outros diaristas se recusam a fazer. Ainda têm como fonte de renda a esmola e a quiromancia (previsão do futuro). Os negócios de bruxaria ligados a grandes somas de dinheiro fazem parte do capítulo de delinquência e safadeza.

É com essas características que os ciganos vêm sendo integrados à sociedade e identificados com uma população marginalizada. População essa que tem subemprego, subhabitação e péssimas condições de vida. Surge então uma dúvida. Como fazer a distinção e identificação dos ciganos?

Assim, nos dois últimos capítulos, “Atitudes tradicionais” e “Integração ou particularismo”, o objetivo é definir qual a unidade cultural, organização social e visões próprias, definindo, assim, quem são esses nômades. A psicologia coletiva dos ciganos é determinada principalmente pelo lugar que ocupam na sociedade: o lugar de exclusão e isolamento. Os grupos formados valorizam o sentido da “Companhia” e não do parentesco. É comum o casamento entre membros da mesma família. Outro fato importante é que os ciganos usam a identidade como “máscara de defesa”. Mudam nome no decorrer da vida, falsificam datas de nascimento, não declaram outros nascimentos e ocorre grande número de homônimos. Os sobrenomes também são usados para mascarar a verdadeira identidade. Essas condutas têm como uma das

finalidades a proteção contra a rejeição que vivem. A crença religiosa está sempre presente e sujeita também às regras de exclusão. Mantém sistemas tradicionais de países afastados no espaço ou mesmo crenças que foram abandonadas pelas populações, como a adoração de Saintes-Maries-de-la-Mer Bruxaria, previsões do futuro e magia são atividades executadas paralelamente e independentes de religião. A principal característica da exclusão são as condutas anti-sociais mantidas pelos ciganos. Roubos, saques, assaltos estão sempre presentes no meio nômade em consequência da péssima condição de vida que possuem. Ainda estão presentes falcaturas relativas às pensões familiares, declarações de filhos fictícios e falsificação de documentos. Assim como a previsão de futuro, que tem como objetivo “esvaziar as bolsas das pessoas”.

Por fim, na Conclusão, “A imagem do espelho”, a autora conclui de forma brilhante que a principal causa das atividades de rejeição em relação aos ciganos se deve aos seus comportamentos e ao seu aspecto: eles roubam, são nômades e de pele escura; têm todas as características reais ou imaginárias que personificam a morte. Eles mantêm um papel social de defunto sem meio de sobrevivência; roubam, assim, como a morte que vem, rouba e mata. Ou mesmo a morte que nos faz ficar de passagem na vida, “sem moradia fixa”.

O livro atinge o seu objetivo permitindo um maior conhecimento sobre quem são os ciganos.

A princípio, a leitura do texto é dificultada pela grande quantidade de exemplos e dados estatísticos escritos de forma pouco estimulante.

No decorrer do livro, a leitura torna-se mais agradável viabilizando um maior intercâmbio entre autor-texto-leitor. A única dificuldade reside no número exagerado de citações.

Como se trata de uma tradução, não podemos esquecer de dizer que Josette Gian consegue um discurso lógico, consistente e sobretudo